

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

JOSÉ AIRTON FREITAS DO CALMO

### **GENTE QUE AMA CAVALOS**

A COMPREENSÃO DAS PRÁTICAS EQUESTRES COMO OBJETO DE ESTUDO ANTROPOLÓGICO A PARTIR DA VIVÊNCIA NA ESCOLA DE EQUITACÃO CRISTAL EM PORTO ALEGRE - RS.



PORTO ALEGRE

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

JOSÉ AIRTON FREITAS DO CALMO

**GENTE QUE AMA CAVALOS**

A COMPREENSÃO DAS PRÁTICAS EQUESTRES COMO OBJETO DE ESTUDO ANTROPOLÓGICO A PARTIR DA VIVÊNCIA NA ESCOLA DE EQUITAÇÃO CRISTAL EM PORTO ALEGRE - RS.

Trabalho de Conclusão do curso de Ciências Sociais ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, como requisito para obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof Dr. José Otávio Catafesto de Souza

PORTO ALEGRE

2015

Apresentação da Monografia em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ ao curso de Ciências Sociais

## BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Arlei Sander Damo

---

Prof. Dr. Maria Eunice de Souza Maciel

---

Orientador: Prof. Dr. José Otavio Catafesto de Souza

À minha mãe: mulher corajosa e guerreira,  
mão firme e caráter, que na fragilidade da  
doença e na passagem ainda esteve  
ativa e forte,

A meu pai: integridade e simplicidade,  
partindo cedo, restou exemplo de  
perseverança e dignidade,

Às minhas filhas: Joanna (*in memoriam*), Maria  
Eduarda (Duda) e Vitória por quem vale a pena  
a travessia.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais pelo exemplo.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS porque, parafraseando Gilberto Gil, mais de uma vez “já me deu (graças a Deus), régua e compasso”.

Aos amigos do mundo equestre pelas trocas afetivas, informações técnicas e estimulantes debates intelectuais surgidos durante anos de convívio.

Aos cavalos, pela “compreensão”, paciência e força que nos emprestam espontaneamente e que nos faz tanto bem.

## RESUMO

A convivência entre o homem e o cavalo é uma realidade muito antiga no tempo e nos remete aos primórdios da civilização tal como a conhecemos. Neste trabalho proponho a discussão sobre a relação entre as pessoas e os cavalos na atualidade – mais especificamente cavalos voltados para as práticas equestres. A compreensão da equitação e do hipismo como objeto de estudo antropológico a partir da vivência na Escola de Equitação Cristal (EEC) em Porto Alegre irá abordar o convívio humano com o cavalo através do aprendizado da arte de montar e da competição esportiva utilizando cavalos. Questões relativas à afetividade e distinção foram trabalhadas como categorias de pensamento facilitadoras do entendimento do universo pesquisado como objeto de estudo antropológico. Desenvolvendo argumentos sobre os dados coletados, tendo no cavalo o elemento mediador das relações sociais no grupo pesquisado, o objetivo da monografia é relacionar nas práticas equestres elementos de estudos justificáveis no âmbito das ciências sociais.

Palavras-chave: Práticas Equestres; Equitação; Hipismo; Afetividade; Distinção.

## *ABSTRACT*

*The coexistence between man and horse is a very old reality in time and takes us to the beginning of civilization. In this paper I propose a discussion on the relationship between people and horses today - more specifically horses facing the equestrian practice. Understanding riding and horseback riding as an anthropological study object from the experiences in the Escola de Equitação Cristal (EEC) in Porto Alegre will address the human interaction with the horse through learning the art of riding and sports competition using horses. Issues related to affection and distinction have worked as facilitators thought categories of the understanding of the universe as researched anthropological study object. Developing arguments on the data collected, and the horse the mediator element of social relationships in the group studied, the purpose of the monograph is to relate the equestrian practices elements of justifiable studies in the social sciences.*

*Keywords: Practice Equestrian; Riding; Horseback riding; Affection; Distinction.*

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1- PISTA DE SAIBRO PRONTA PARA INICIO DA COMPETIÇÃO DE SALTOS – PARQUE MARINHA DO BRASIL, PORTO ALEGRE-OUTUBRO 2015.....	18
FIGURA 2- EXERCICIOS ANTES DE MONTAR PARA TESTAR ACEITAÇÃO DO PESO PELA ÉGUA NATUREZA.ARQUIVO PESSOAL .....	37
FIGURA 3- MARIA EDUARDA SENDO INSTRUÍDA POR SILVIO QUADROS.ARQUIVO PESSOAL..	37
FIGURA 4 - MARIA EDUARDA MONTANDO NATUREZA CONDUZIDA EM CÍRCULOS NA GUIA.ARQUIVO PESSOAL .....	38



# SUMÁRIO

1. POR QUE O CAVALO? .....	10
2. BREVE HISTÓRIA DO CAVALO E DAS PRÁTICAS EQUESTRES .....	15
3.ESCLARECIMENTO SOBRE O CAMPO: A ESCOLA DE EQUITAÇÃO CRISTAL .....	20
4. O UNIVERSO DO CAVALO E AS RELAÇÕES SOCIAIS .....	23
5. MOMENTO ETNOGRAFICO – A DOMA NA ESCOLA DE EQUITAÇÃO CRISTAL .....	29
6.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS .....	45

## 1. POR QUE O CAVALO?

*"O verdadeiro paraíso terrestre reside sobre o dorso de um bom cavalo." Proverbio Árabe.*

A convivência entre o homem e o cavalo é uma realidade muito antiga no tempo e nos remete aos primórdios da civilização tal como a conhecemos. Esta monografia irá propor a discussão sobre a relação entre as pessoas e os cavalos na atualidade – mais especificamente cavalos voltados para as práticas equestres. A proposta de compreensão das práticas equestres como objeto de estudo antropológico a partir da vivência desenvolvida na Escola de Equitação Cristal (EEC) em Porto Alegre irá abordar o convívio humano com o cavalo através da *equitação*, tida como o processo de aprendizado da arte de montar; diferenciando do *hipismo*, reconhecido neste estudo como a esportivização da equitação, ou seja, a competição esportiva dentro da prática equestre. Embora em algumas passagens as expressões *Equitação* e *Hipismo* possam ser percebidos como sinônimos, durante a análise ficará clara a dissociação dos conceitos. Desenvolvendo argumentos sobre os dados coletados o objetivo deste estudo é relacionar nas práticas equestres elementos de estudos plenamente justificáveis no âmbito das ciências sociais.

Busquei trabalhar as questões relativas à *afetividade* e *distinção* como categorias de pensamento por considera-las, no âmbito desta pesquisa, propícias para a compreensão do universo pesquisado como objeto de estudo antropológico. Os frequentadores e trabalhadores da Escola de Equitação Cristal, grupo eleito como campo para a pesquisa, apresentam-se como possibilidade de qualificação enquanto “nativos” em relação ao mundo do cavalo pelo fato de ter no animal o elemento mediador das suas relações sociais. No relato etnográfico veremos num primeiro momento a experiência de alunos de equitação e seus instrutores juntamente com alguns proprietários e tratadores que veem os cavalos como animais de estimação; descrevem-nos como pessoas, inclusive promovendo-os ao status de membros da família, compondo situações que remetem à afetividade. A expressão ‘animal de estimação’, em geral, refere-se aos animais domésticos, tais como cães, gatos, peixes, aves, hamsters e alguns espécimes exóticos tipo cobras e

iguanas entre outros que convivam no ambiente familiar como animal de companhia. Dentro desta definição não é costume incluir-se o cavalo ou qualquer outro equino que, devido a sua dimensão física, não é possível manter junto ao espaço doméstico.

Noutro polo encontram-se os praticantes do hipismo que se definem e se representam através dos animais que possuem e/ou montam caracterizando importante representação de aspectos que reportam à distinção social. Transitando entre a esfera da afetividade e da distinção encontramos nas práticas equestres visitadas elementos universais que permitem a compreensão do mundo do cavalo dentro dos contextos frequentados pelas ciências sociais. O estudo das relações entre seres humanos e não humanos já tem frequentado o ambiente da antropologia há algum tempo, inclusive com percepção semelhante sobre as questões de distinção e afetividade na convivência entre homens e cães. (OLIVEIRA, 2006).

A monografia aborda a interação afetiva entre o homem e o cavalo; do ponto de vista do homem em relação ao animal, mas tenta também traduzir a resposta percebida em várias ocasiões quando o cavalo aparenta retribuir com carinho, dedicação e empenho nos momentos de trabalho, demonstrando uma espécie de afetividade que pode ser observada através de uma linguagem não verbal, facilmente perceptível ao olhar observador e que Roberts (2009) chama de *Equus*.

Iniciei meu convívio com as práticas equestres em meados de 2006 durante um passeio descompromissado à Sociedade Hípica Portoalegrense (SHPA). Nessa ocasião, minha filha de pouco mais de quatro anos na época manifestou interesse em montar ou, mais especificamente, aproximar-se de forma lúdica do cavalo. Esse desejo inicialmente compreendido como uma curiosidade passageira tornou-se a opção esportiva da criança e me colocou em contato com o meio hípico da cidade de Porto Alegre desde então.

Um pouco desta trajetória será relatada neste trabalho acadêmico para descrição do contexto que propiciou a percepção da forte afetividade desenvolvida pelos praticantes da equitação em relação ao cavalo e também a distinção detectável entre as pessoas que convivem no meio hípico. Paralelamente a intensa convivência de anos com o meio hípico, durante os meses de janeiro a abril de 2015, o processo de doma racional de um cavalo “manga larga” desenvolvido na

Escola de Equitação Cristal chamou minha atenção. O procedimento serviu de base para um “momento etnográfico”, apresentado mais adiante, por conta de alguns fatores peculiares: a doma foi desenvolvida no ambiente da escola, por uma aluna avançada (ao invés de um clássico domador) e o fato do cavalo “manga larga” não ser usualmente utilizado na prática da equitação desportiva. Estas peculiaridades permitirão cotejar no mesmo momento a afetividade recíproca entre cavalo e amazona com aspectos de distinção sociais descritos por Bordieu (2007).

Este trabalho é apresentado “como uma contribuição para a etnologia de uma área determinada, mais do que um estudo sociológico detalhado” (Evans-Pritchard 2005,p.21) e nos moldes do autor de “Os Nuers” propõe ainda, somarem-se à abordagem etnográfica alguns aspectos referentes à sociabilidade, desenvolvida entre os frequentadores do meio equestre, sempre mediada pela proximidade com o cavalo.

Monty Roberts (2009), no livro *O Homem que Ouve Cavalos* afirma que cavalos compartilham uma elaborada linguagem; uma comunicação corporal silenciosa, “previsível, discernível e efetiva” (p.96). O autor afirma que essa linguagem é facilmente compreensível, possibilita o entendimento intra e interespecie e tal como os humanos, os cavalos podem aprender a melhorar essa comunicação. Neste trabalho tentaremos esclarecer as nuances desse tipo de linguagem entre os seres humano e não humano.

A manifestação precoce da afetividade pelos cavalos tornou-se visível em minha filha Maria Eduarda nos primeiros anos de vida. Desde cedo, mesmo sem estímulo familiar, já com um ano de idade ela reconhecia o animal na rua, transitando dos desenhos e figuras ilustrativas do animal para a realidade, inclusive com uma particular tradução sonora do passo do cavalo; chamava, então, o animal de pká-pká. No início dos anos 2000, na zona sul da cidade de Porto Alegre era comum se encontrar cavalos amarrados pastando ou puxando carroças. Inúmeras vezes tive que abordar carroceiros na rua para que a criança pudesse, por alguns momentos, fazer carinho no animal.

A teoria da afetividade do filósofo e educador francês Henri Wallon (2008), de certa forma ampliando o entendimento de Piaget, defende que a vida psíquica infantil é formada por três dimensões – afetiva; motora e cognitiva, que coexistem e

atuam de forma integrada, superando a inteligência como o principal componente do desenvolvimento. Wallon (2008) afirma que a afetividade é fator central na construção do conhecimento e da pessoa; destaca que ela se expressa de três maneiras: por meio da emoção, do sentimento e da paixão e se manifesta durante toda a vida do indivíduo. O enorme “desamparo biológico” decorrente da imaturidade orgânica da criança determina um longo período de absoluta dependência dos cuidados de um adulto; o que tornaria a expressão emocional “fundamentalmente social, pois precede e supera os recursos cognitivos” (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010. P.37).

Meu primeiro contato com o universo do cavalo deu-se então para atender a inesperada vontade infantil de acarinhar o animal. Acadêmico inexperiente das Ciências Sociais, a impressão inicial não detectou a afetividade como “ingrediente social” disseminado entre os frequentadores da escola de equitação. Antes, o primeiro aspecto a chamar a atenção do protótipo de pesquisador social foi, de fato, a intensa sociabilidade mediada e construída em torno do cavalo. O ambiente de uma escola de equitação é repleto de parentes dos cavaleiros e amazonas iniciantes. Nem todos tem familiaridade com cavalos. É grande o número de pais ou avós que são levados pela primeira vez ao hipismo pela demanda afetiva de seus filhos e dependentes. Invariavelmente, com algumas raras exceções conduzidas por medo do animal, os familiares se “apaixonam” pelo universo do cavalo e passam a conviver dentro e fora do ambiente da equitação. Passam a se frequentar a nível doméstico onde, ainda assim, as conversas e interesses pelos cavalos tornam-se preponderante.

A sociabilidade construída em torno do cavalo é, de fato, o elemento mais perceptível ao primeiro olhar investigativo do campo. Os familiares e praticantes de equitação se reúnem de acordo com suas afinidades e interesses no momento e não tem outra finalidade a não ser a pulsão estar juntos. Reunir-se por qualquer motivo ligado ao convívio com os cavalos passa a ser uma constante no grupo de “frequentadores das escolas de equitação”. Independente do aspecto esportivo presente nos momentos competitivo das prova de salto, a “nova tribo” dos praticantes e/ou simpatizantes da equitação encontra-se quase que diariamente; reúne-se em maior número aos fins de semana – invariavelmente resultando em

churrascos e outros momentos à mesa; comemorando aniversários – das pessoas E dos cavalos. As pessoas se identificam como a “mãe” do cavalo X, o “avô” do potro Y, e outras relações insólitas de parentesco entre o ser humano e não humano.

Considerando que as práticas equestres podem ser vistas como práticas culturais que produzem representações; a parceria entre homem e animal presente nos momentos de lazer e diversão associado ao contexto sociocultural irá construir um símbolo da identidade ligado à distinção social que será descrito neste trabalho.

Partindo do pressuposto que capturar a lógica que preside o comportamento social dos grupos humanos é um propósito da antropologia, utilizei a longa convivência com “gente que ama cavalos” para buscar compreender o que leva as pessoas a se relacionar com os animais de forma tão apaixonada e tentar detectar o momento da transição entre a afetividade e a distinção social manifesta na questão do gosto pelo hipismo.

## **2. BREVE HISTÓRIA DO CAVALO E DAS PRÁTICAS EQUESTRES**

Outrora impregnado do senso comum, meu olhar sobre o mundo equestre antes de ser desinteressado era até preconceituoso. Hipismo, equitação, ou qualquer esporte onde a ideia fosse ter ou conviver com um cavalo era imediatamente vinculado a uma vida extravagante, cara e fora da minha realidade social. A aproximação involuntária com o meio hípico, embora confirmasse até certo ponto a impressão inicial, rompeu uma barreira que ainda mantém muita gente longe dos cavalos. Instintivamente, e até pela questão de integração ao grupo que passei a frequentar, conhecer um pouco sobre o cavalo, sua história e sobre as práticas equestres vinculadas ao esporte tornou-se um hábito.

Desta forma, descobri que se conta a história dos equinos a partir de um animal de pequeno porte com dorso arqueado à maneira de coelhos e que em nada lembra o cavalo atual. Sua proporção em relação ao ser humano não permitiria tornar-se montada, sendo provavelmente, utilizado como alimento pelos homínídeos (CARTELLE, 1991, RINK, 2008).

Com o passar do tempo, o cavalo deixou de ser caçado em função da grande desvantagem do homem em relação ao animal em termos de velocidade. Supõe-se que o cavalo possa ter sido domesticado há mais de cinco mil anos baseado em registros encontrados em gravuras rupestres. O homem aprendeu a acompanhar os bandos e a conviver com os cavalos; começou a pastoreá-los e dele passou a obter leite, queijo, e utensílios fabricados com fios de crina, gerando grandes vantagens econômicas a partir desse novo modo de vida. Os antigos pastores nômades desenvolveram uma técnica de aproximação do cavalo da qual nasce um código de relacionamento social, originando, talvez a partir desse momento, uma afetividade ancestral em relação ao animal que persiste até nossos dias, quando o homem passa a cuidar do animal, “sendo responsável por sua alimentação, tratando de suas feridas, jamais abatendo um elemento à vista da manada e protegendo-os contra predadores” (RINK, 2008 p.12).

A evolução histórica das práticas equestres conta com inúmeras hipóteses sobre seu surgimento, entre as quais uma das teorias mais plausíveis é a seguinte: somente o homem montado a cavalo poderia atingir a velocidade de um cavalo – portanto, o surgimento da equitação possivelmente se deve ao fato de que se os cavalos resolvessem fugir ninguém os alcançaria a pé, mesmo correndo. Dai a necessidade de o homem aprender a montar para poder controlar seu rebanho equino. A partir de então, o homem no dorso de um cavalo, passou a ser o diferencial em relação às demais espécies: “a equitação teria sido desenvolvida para controlar a manada” (RINK, 2008 p.13).

Montar a cavalo passou a ser comum por necessidades bélicas, de trabalho e de transporte variando pouco na história da humanidade. No entanto, a terminologia “práticas equestres” tem a ver com o processo onde as práticas corporais tradicionais provenientes da cultura popular passam a ser subjetivadas como atividade esportiva. Profissionais acadêmicos de Educação Física e das Ciências do Esporte costumam definir esse processo como “esportivização” (SILVA e DAMIANI, 2005). É possível, portanto, afirmar que as práticas esportivas baseadas no uso do cavalo em interação com o ser humano institucionalizaram-se através do processo esportivização das atividades exercidas pelo homem sobre o lombo do cavalo. As práticas equestres são tantas quantas tenham sido as formas esportivas derivadas das utilizações bélicas ou laborais do cavalo.

Atualmente em Porto Alegre existem inúmeras modalidades esportivas praticadas com uso do cavalo, mas nem todas são regulares; os esportes equestres são regulamentados no mundo pela Federação Equestre Internacional (FEI) e no Brasil, pela Confederação Brasileira de Hipismo (CBH) que fomenta as oito modalidades de esportes hípicas praticados no país: Adestramento, Atrelagem, Concurso Completo de Equitação, Enduro, Equitação Especial (Paraequestre), Rédeas, Volteio e Salto. Embora desenvolvam sociabilidade própria e tenham no cavalo o elemento agregador; o turfe, os rodeios, as apresentações de raças equinas e outras corridas (tipo charretes, aranhas, cancha reta etc..) não são abordadas como práticas equestres pela imposição do recorte.

Neste trabalho restringirei a definição de prática equestre a duas modalidades específicas do mundo hípico: *equitação e hipismo*; para compreensão e vinculação



com as categorias de pensamento detectadas em campo e eleitas nesta monografia, qual sejam: *afetividade e distinção social*.

*Equitação* – é a arte de andar a cavalo. Trata-se da prática equestre diretamente ligada e derivada da “invenção” humana de montar a cavalo para controlar a manada. Essa prática pode ser aprendida tanto quanto ensinada e, geralmente aparece vinculado às escolas. A equitação tem relação direta com a paixão de montar, com a afetividade inata que algumas pessoas demonstram pelos cavalos. O trabalho de campo originário desta monografia aconteceu justamente num centro de ensino de equitação: a Escola de Equitação do Cristal, em Porto Alegre.

*Hipismo* – refere-se à esportivização da equitação. Diz respeito à competição, ao esporte equestre independentemente da modalidade. O hipismo é o lado elitizado da equitação, propicia a competição e grandes disputas de vaidades vinculadas ao universo do cavalo. Permite, no âmbito deste trabalho, relacionar diretamente à teoria sobre distinção social de Bourdieu (2007).

Embora o hipismo envolva outras vertentes como já foi referido, o debate ficará agora restrito ao *Salto*. O salto é a modalidade do hipismo que apresenta a maior grau de competitividade e consiste basicamente de uma prova em pista (figura 1) de grama ou saibro onde o conjunto (cavalo/cavaleiro ou amazona) percorre um percurso entre 8 a 12 obstáculos com diferentes graus de dificuldade, variando de 0.60 metros (em provas de Escolinhas de Equitação no Brasil) até 1.60 metros (em Grandes Prêmios, Jogos Olímpicos e Mundiais). Nestas provas ficam demonstradas algumas qualidades do cavalo; força, potência, obediência, velocidade, respeito pelo obstáculo. O cavaleiro é avaliado pela sua equitação, incluindo postura e controle sobre o cavalo, atitude frente aos obstáculos e ao tipo de prova proposta. O vencedor da prova é o conjunto que tiver menos penalizações (pontos perdidos) e fizer o percurso no menor tempo. Cada obstáculo derrubado representa quatro pontos perdidos que somados indicam a colocação do conjunto na prova. O objetivo de todo concorrente é terminar a prova zerado, ou seja, sem ter derrubado nenhum obstáculo. O cavaleiro ou amazona que não estiver adequadamente uniformizado não pode participar da prova. Em prova é obrigatório uso de capacete, culote branco ou bege, bota preta, camisa com gola branca, e casaca ou colete com logotipo da

entidade. Antecedendo cada competição, a entidade responsável faz publicar o programa das provas onde consta o regulamento, o tipo de prova e especificações sobre uniforme a ser usado na ocasião.

Provas de salto, em geral são eventos concorridos e com muitas emoções propiciadas pelo desempenho dos animais e dos cavaleiros. Por tratar-se de esporte que envolve velocidade, transposição de obstáculos e tempo para conclusão do percurso, pode acontecer quedas e os atletas (humanos e não humanos) estão constantemente sujeitos a lesão. Toda prova tem um veterinário de plantão para atendimento dos concorrentes equinos. É obrigatória ainda a presença de ambulância com serviço médico disponível para atendimento imediato em caso de queda e o deslocamento da ambulância para remover o ferido ao hospital interrompe a prova até o retorno da mesma, caso não haja outra de plantão.



Figura 1-Pista de saibro pronta para início da competição de saltos – Parque Marinha do Brasil, Porto Alegre-outubro 2015. FONTE: Federação Gaúcha de Esportes Equestres

### **3.ESCLARECIMENTO SOBRE O CAMPO: A ESCOLA DE EQUITAÇÃO CRISTAL**

A Escola de Equitação Cristal (EEC) é uma entidade privada voltada para o ensino e prática da equitação e do hipismo. Trata-se de uma empresa familiar e, conforme consta em seu site oficial foi a “primeira escola particular de hipismo clássico do Rio Grande do Sul”. Teve sua primeira sede na Rua Coronel Claudino no Bairro Cristal (de onde incorporou o nome), em Porto Alegre, onde, curiosamente, a EEC funcionava num terreno ao lado do Jockey Clube do Rio Grande do Sul, no entanto, ficava literalmente “de costas” para a atividade do turfe. Dirigida pela família Quadros, completará em 2015 quarenta anos de atividades. Há pelo menos dez anos a sede foi transferida para o alto do Morro do Santuário, no Bairro Belém Velho. A nova localização é privilegiada com a vista da bela paisagem da Zona Sul de Porto Alegre e do Lago Guaíba, o que invariavelmente encanta tanto os visitantes quanto os frequentadores assíduos.

Após dois anos na Sociedade Hípica Portoalegrense (SHPA) tendo transitado da equoterapia para a escolinha da SHPA, Maria Eduarda aparentava estar entediada com a rotina de montar. Na verdade ela estava um pouco aborrecida com a forma quase mecânica com que recebia o cavalo, montava, fazia a aula e entregava o cavalo de volta para o tratador, sem maior contato com o animal que não fosse a própria montada. Descobri mais tarde que o encantamento da prática equestre para a menina estava mais no trato com o animal do que com a rotina da aula. Por sugestão de um conhecido cuja neta praticava equitação na EEC, levei Duda para visitar a escola. Fomos recebidos durante uma aula pelo proprietário, Silvio Quadros. Em meio à atividade, com alunos, tratadores e cavalos transitando pelo recinto da escola, “tio Silvio” como é conhecido o instrutor, indicou as baias onde ficavam os cavalos dos proprietários e nos deixou livres para a visita, talvez incrédulo que fossemos migrar da Sociedade Hípica Portoalegrense para sua humilde escola. Durante a caminhada, Duda foi estimulada por um tratador a pegar uma escova e ajudá-lo a escovar uma égua chamada Anastácia que recém tinha

retornado de uma aula. Dirigi-me a secretaria da escola para obter informação sobre valores de matrícula e mensalidade, ainda meio sem convicção sobre o lugar. Passado alguns momentos, Maria Eduarda retorna convicta: “Pai, pode ligar pra hípica e avisar que não vou mais lá, agora é aqui que vou montar”.

As instalações da escola Cristal, ainda hoje em 2015, são simples e até precárias se comparadas à sociedade Hípica. Em 2009 não havia nem picadeiro coberto que permitisse aulas em dia de chuva. Algumas vezes não aconteciam aulas na Hípica em dias de chuva, mesmo com picadeiro coberto. Na Escola de Equitação do Cristal presenciei aulas de equitação debaixo de verdadeiros dilúvios e todos os alunos insistindo em concluir a aula. Tornaram-se famosos os comentários que diziam que alguma coisa na escola Cristal enfeitiça de tal maneira os alunos, pais e demais frequentadores que ninguém quer ir embora. Alguns atribuem o encantamento do lugar a forte mistura de odores. Sobressai no ar o típico cheiro da citronela, infusão de uma planta aromática, cuja finalidade é afastar moscas, mosquitos e borrachudos, utilizada principalmente no verão.

O método “Silvio Quadros” de instrução inclui comandos fortes, gritos e alguns xingamentos leves que parecem fascinar os alunos e seus pais. Ao longo desses sete anos de convívio não seria possível enumerar meia dúzia de desistências devido ao temperamento do “tio”. Seus dois sobrinhos legítimos (Cristiano e Gilseia Quadros) são instrutores de diferentes níveis e seguem a mesma cartilha com o mesmo sucesso. Neste ambiente de recursos limitados, se comparados a outros centros equestres que visitei nos anos de convívio hípico, tenho visto surgir cavaleiros e amazonas impecáveis do ponto de vista da equitação. Além da instrução equestre, percebe-se no ambiente familiar a forte afetividade que constrói nos frequentadores a ideia de pertencimento ao meio social em que convivem. Na EEC, o *ethos* comunitário construído a partir da paixão compartilhada pelo cavalo, remete à subjetividade comum e cria redes de amizade pontuais entre as pessoas, que se reúnem em formato ritualístico com a função exclusiva de reafirmar o sentimento que o próprio grupo tem de si mesmo. Essas características também são visíveis e identificáveis nas reuniões hípicas por contas das provas de hipismo, porém, nessas ocasiões surgem paralelamente questões referentes à distinção social na concepção de Bourdieu (2007).

## 4. O UNIVERSO DO CAVALO E AS RELAÇÕES SOCIAIS

Certamente, o universo do cavalo é muito mais amplo do que o contexto desta monografia, uma vez que inclui outras práticas para além das que descrevemos neste trabalho. No Rio Grande do Sul, Luttig (2009) aponta uma forte sociabilidade presente no que chama de “universo social dos criadores de cavalo crioulo”. E, ainda, em decorrência da domesticação do animal e suas utilizações pelo homem, surgiram inúmeras profissões ligadas ao manejo do cavalo e sua inserção na sociedade humana. No entanto, o “universo do cavalo” neste contexto refere-se somente ao mundo do hipismo e da equitação desportiva.

Bourdieu (2004) ao propor um programa para a sociologia do esporte, afirma:

A lógica da divisão social do trabalho tende a se reproduzir na divisão do trabalho científico... de um lado existem pessoas que conhecem muito bem o esporte na forma prática, mas que não sabem falar dele, e, de outro, pessoas que conhecem muito mal o esporte na prática e que poderiam falar dele, mas não se dignam a fazê-lo, ou o fazem a torto e a direito (BOURDIEU,2004,p.207).

A descrição de práticas equestres modernas a partir da etnografia de um praticante pode sofrer deste mal e pecar na abordagem, ou na complexidade das relações sociais que vivem e sobrevivem da equitação e do hipismo como prática esportiva. Bourdieu (2004) novamente nos socorre:

Para que uma sociologia do esporte possa se constituir, é preciso primeiro perceber que não se pode analisar um esporte particular independentemente do conjunto das práticas esportivas; é preciso pensar o espaço das práticas esportivas como um sistema no qual cada elemento recebe seu valor distintivo. Em outros termos, para compreender um esporte, qualquer que seja ele, é preciso reconhecer a posição que ele ocupa no espaço dos esportes. É preciso relacionar esse espaço de esportes como o espaço social que se manifesta nele. (BOURDIEU, 2004, p.208-209).

Sem esquecer que o hipismo surge dentro de uma sociedade de classes, faz-se necessário referir que as práticas equestres contemporâneas emergem na história como atividade típica da nobreza inglesa. Ainda atualmente constitui-se num esporte de elite. Tanto a equitação praticada no ambiente da escola, quanto o hipismo no nível dos iniciantes na prática equestre na cidade de Porto Alegre talvez não representem mais a mesma antiga elite que nunca trabalhou, talvez esteja mais

acessível às classes média e alta, mas certamente, ainda é inacessível aos mais pobres.

Durkheim (1999) percebeu, nos primórdios da sociologia, as consequências da divisão do trabalho social. Argumentando a favor da solidariedade orgânica derivada da divisão do trabalho, o autor esclarece a necessidade da estratificação de tarefas na manutenção da função social do trabalho. Observando a Escola de Equitação do Cristal sob o ponto de vista das relações de classe e de trabalho percebe-se a existência de profissões em interação e com clara distinção entre si, invariavelmente decorrentes das necessidades do trato e do aprendizado em relação ao cavalo e seu desempenho nas atividades equestres. O confinamento do cavalo torna necessário que alguém os alimente, escove e dê banho para mantê-lo saudável e asseado. Esta tarefa que na natureza cabe ao próprio cavalo criou na sociedade a profissão de *tratador*, talvez a mais básica e inicial das carreiras de convívio por trabalho com o cavalo. O trato do cavalo na EEC é executado por pessoas simples que, iniciando esse trabalho ainda na infância ou na adolescência, ficam excluídos da possibilidade de maiores estudos, passando a vida em função destas tarefas duras, pesadas e sujeita às intempéries. São, geralmente, as pessoas mais simples, de índole extremamente pacata e atenciosos com os animais e em relação servil com os proprietários, atletas e alunos de equitação; frequentemente acompanha-lhes um histórico de alcoolismo, o que quase sempre encurta suas carreiras e possibilidades de emprego. No período investigado foram detectadas algumas situações de troca de trabalhadores devido ao hábito etílico; o “tio” Silvio até toma suas cervejinhas, mas sempre após o expediente normal ou ao fim das provas hípicas “para relaxar”, mas não bebe nem admite que seus funcionários bebam enquanto lidam com os cavalos.

Os trabalhadores equestres costumam ser gente do campo, emigrantes de zonas rurais onde viviam em condições ainda mais precárias; alguns (os menores em estatura física) foram jôqueis de corridas em outros tempos e poucos avançam para o estágio seguinte que seria o *picador*. O *picador* é o “montador”, é o adestrador dos cavalos de hipismo. O cavalo de hipismo após a doma<sup>1</sup> precisa ser

---

<sup>1</sup> A doma é um processo relativamente lento e demorado onde o animal é instruído numa linguagem “interface”, condicionado através de comandos de rédea e pernas do cavaleiro.

constantemente “trabalhado”, ou seja, precisa praticar e ter sempre na memória os comandos para andar ao passo, trote e galope, saltos, altos (parada) e todas as ginásticas correspondentes ao desempenho ótimo do atleta equino. Esse é o trabalho do picador. O picador talvez seja o topo da carreira, ou o objetivo profissional de um tratador esforçado e persistente. Trata-se de um profissional com mais experiência, habilidade e capacitação (atualmente existem cursos especializados) para a lida com o cavalo de salto e, por isso é mais bem remunerado que o tratador. Em geral, trabalha em conjunto com o atleta ou proprietário do cavalo, eventualmente apresentando o cavalo em competições conforme as necessidades ou interesse do proprietário. Na EEC conheci alguns profissionais que transitaram pela escola; eles trabalham alguns anos, brigam com o proprietário ou algum frequentador e vão trabalhar em outro centro hípico na cidade. Passado algum tempo retornam e mantêm esse ciclo interminável já que as opções de trabalho não são muitas em Porto Alegre. Raríssimos são os casos de troca de profissão. O “cheiro do cavalo entranha no sangue”, ouvi de um trabalhador equestre, e os mantêm na lida. Talvez a dificuldade de mudar de ramo de atividade esteja ligada ao grau de instrução precário que em geral apresentam, embora tenham invariavelmente uma sensibilidade diferenciada.

Numa prova hípica típica<sup>2</sup> assim como nas competições entre as escolas de equitação, que acontecem praticamente a cada final de semana pela cidade, estado ou pelo país afora, considerável número de profissionais ligados às práticas equestres exercem suas funções e desempenham as atividades necessárias ao desenvolvimento do evento espetáculo. O hipismo, por ser a manifestação esportiva da equitação emprega muito mais gente do que uma escola de equitação. Entre membros de júri, instrutores, desenhadores de percurso, levantadores de obstáculos (os chamados “pistinhas”), auxiliares de pista e tratadores; uma prova por mais simples que seja movimenta algo em torno de 20 a 30 pessoas remuneradas, sem contar outros tantos nos serviços de apoio como: divulgação do evento, filmagem, motoristas de ambulância e do caminhão de transporte dos cavalos, paramédicos, etc. Do outro lado do evento esportivo encontram-se os espectadores,

---

<sup>2</sup> A prova hípica mais tradicional e prestigiada do Rio Grande do Sul acontece anualmente, em outubro, na Sociedade Hípica Portalegrense e chama-se “The Best Jump”.

patrocinadores – pais, mães e familiares que, em geral, vibram como se estivessem todos sobre o lombo do cavalo.

Damo (2005) abordando o futebol de espetáculo enxerga a divisão social do trabalho dentro e fora de campo. Observa clara distinção entre quem pratica e quem assiste, identifica o espaço social onde a trama de especialidades produzem lutas em relação às competências, aos interesses e às reciprocidades. O autor refere-se aos principais segmentos de agentes que também podemos adaptar para o hipismo:

- a) Os profissionais – aqui incluídos os "bastidores" do evento, os tratadores e pistinhas que são responsáveis pelo lado “menos nobre” ou “sem glamour” do esporte, para que os atletas possam brilhar nas pistas;
- b) Os especialistas: instrutores, juízes, narradores, desenhadores e medidores de percurso, fotógrafos e cinegrafistas;
- c) Os torcedores: incorporam ao esporte “a circularidade das emoções”, pais, familiares e amigos que promovem a “capitalização simbólica do desfecho dos rituais agonísticos” (DAMO, 2005, p.12);
- d) Os dirigentes: detêm o controle político e econômico do esporte (presidentes de clubes, associações, escolas de equitação, federações e confederações, patrocinadores externos e administradores).

Paralelamente, mas ainda dentro do recinto do evento, nota-se a presença de outros atores encarregados da sustentação logística do espetáculo; são responsáveis pela venda de alimentos e bebidas, serviços auxiliares de filmagem, comercialização de produtos equestres, etc. Em geral a presença de público de classe média e alta atrai patrocinadores, expositores e comerciantes de produtos mais valorizados e voltados para os consumidores mais abastados.

Damo (2005) afirma categoricamente que:

Os esportes são seguidamente subestimados pelas ciências sociais a partir do entendimento equivocado de que as ações na esfera dos jogos propriamente ditos não seriam ações sociais, muito menos simbólicas (DAMO, 2005, p.19).

Entretanto, encontramos em Bordieu (2007) referências às práticas esportivas como mecanismo de avaliação de gostos e hábitos de consumo das classes sociais, relacionando-os com a transmissão de valores, virtudes e competências. Segundo



Bourdieu, o gosto pessoal seria uma forma de intolerância com as preferências de outrem, e desta forma o autor desconstrói “o gosto pessoal” como característica inata aproximando-o da ideia de *habitus* de classe. Analisando detalhadamente os padrões de consumo da sociedade francesa da década de 1970, Bourdieu (2007) argumenta que as pessoas disputam em suas relações cotidianas fatores de diferenciação umas das outras, o que recria constantemente as diferenças entre classes sociais. O autor refere “as relações sociais que podem ser estabelecidas mediante a prática do esporte” (BOURDIEU, 2007, p.198) e às admite como “ganhos extrínsecos”. No entanto, afirma que o sentido das práticas esportivas está fortemente associado à frequência, a antiguidade da prática e as condições sociais de quem e como se realiza a prática esportiva (lugar, momento, equipamentos, instrumentos, etc.), lembrando que as diferentes práticas esportivas representam o *habitus* de uma classe social e demonstram o funcionamento do campo onde são praticadas, variando mais ou menos em função do capital social e econômico de cada praticante.

Como praticante de um esporte associado à elite, posso afirmar que, de fato é perceptível no meio hípico portoalegrense as distinções abordadas por Bourdieu. Neste momento gostaria de esclarecer outra distinção nas práticas equestres abordadas neste trabalho. A equitação é uma prática interativa e lúdica; e que tem no cavalo o elemento mediador do aprendizado, embora a manutenção do cavalo seja cara. No entanto, a equitação praticada numa escola não fica muito distante, economicamente, de outras práticas esportivas urbanas tais como tênis, academia de ginástica, natação ou mesmo futebol praticado em escolinhas. Certamente que são práticas de uma classe com melhores recursos financeiros. Já no hipismo, a esportivização da equitação, é possível perceberem-se mais claramente as distinções de *habitus*, campo, capital econômico e cultural referido por Bourdieu. Esclarecendo: embora não seja uma prática acessível a toda população, a equitação desportiva pode ser praticada em escolas – em Porto Alegre existem cerca de meia dúzia de escolas e centros hípicos, voltados para o ensino da equitação como prática esportiva. Tais centros privilegiam o aprendizado equestre, o trato e o respeito ao cavalo e propiciam intenso convívio social entre os praticantes e o público envolvido. O hipismo, compreendido com um esporte de alta competição, inclusive com participação em olimpíadas, exige do praticante além de recursos

financeiros incomparavelmente superiores, tempo e dedicação só viabilizáveis num aprendizado longo, oneroso e de certa forma tradicional dentro da família ou classe social a qual pertence o atleta. Um intenso convívio social também se dá na esfera do hipismo, no entanto, reproduz claramente as regras de uma classe social mais abastada e apresentou-se de certo modo inacessível ao âmbito deste trabalho.

## 5. MOMENTO ETNOGRÁFICO – A DOMA NA ESCOLA DE EQUITAÇÃO CRISTAL

Adelman (2012) afirma que as experiências das pessoas no que envolve esporte e lazer são aspectos cada vez mais estudados no âmbito da Sociologia e da Antropologia, deixando de ser relegadas ao terreno de “questões menores” e passando a ser compreendidas na perspectiva dos “temas maiores” do mundo contemporâneo e, portanto, passíveis de investigação científica; sendo percebidos como fatores participantes da construção de identidades, subjetividades e corporalidades.

A inserção no campo que deu origem a este trabalho ocorreu já há uns anos por uma razão prosaica. Minha filha, Maria Eduarda, aos quatro para cinco anos (idade ainda não propícia à prática da equitação desportiva) foi matriculada no Centro de Equoterapia Cavalos Amigo que funciona na Sociedade Hípica Porto Alegre e mantém paralelamente à equoterapia<sup>3</sup> um programa de iniciação a Equitação. Neste programa, através de atividades lúdicas destinadas as crianças de quatro a seis anos que já tenham alguma autonomia para montarem sozinhas, Duda teve seu primeiro contato com cavalos, foi trabalhando seus potenciais e limites, e aprendendo as noções básicas da equitação. Superada a fase inicial, aos seis anos completos (idade recomendada para introdução no esporte na modalidade competitiva) Maria Eduarda seguiu os passos recomendados pela escola, passou a participar de provas nas categorias iniciantes e segue praticando até hoje na categoria/altura de 90 centímetros.

O campo eleito para construção do estudo propiciaria a “descrição densa” sugerida por Geertz (1989), inclusive permitindo o desdobramento das devidas “teias de significados”. No entanto, a inserção de quase dez anos no ambiente que se transformou em campo de estudo e, conseqüentemente, a intensa familiaridade com

---

<sup>3</sup> A equoterapia é um método terapêutico que utiliza a mediação do cavalo como adjuvante no tratamento de fobias, “buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência e/ou com necessidades especiais” (ASSOCIAÇÃO..., 2015).

o tema tornou importante criar uma alternativa para produzir o estranhamento necessário antes de dar forma à pesquisa. A observação participante e o diário de campo, na perspectiva dos clássicos da antropologia; Malinowski (1976) e Evans-Pritchard (2005), foram as duas primeiras opções técnicas utilizadas com o intuito de promover o sadio distanciamento do autor em relação ao objeto de pesquisa. Objetivando a elaboração da monografia foi proposto o recorte temporal com a finalidade situar o objeto etnografado no período de tempo entre janeiro e abril de 2015, quando a aluna/atleta foi convidada pelo treinador Silvio Quadros para auxiliá-lo na doma de um cavalo da raça *manga larga paulista*, de uma aluna/proprietária praticante de equitação na Escola de Equitação Cristal (EEC).

Domar cavalos não é fato rotineiro em uma escola de equitação. A doma, em sua definição clássica, trata-se do processo de dominação e submissão do animal à vontade do homem e historicamente era um processo cruel para o animal que sofria punições dolorosas para submeter-se. Atualmente, apesar da doma tradicional ainda ocorrer, é utilizado o método conhecido no mundo inteiro como doma moderna ou doma racional, e consiste no trabalho paciente e corretivo com a finalidade de ganhar a confiança do animal. É uma atividade relativamente arriscada exercida por profissionais experientes. O fato de ter acontecido no ambiente da EEC – uma escola de formação de cavaleiros e amazonas; e contar com a participação de uma aluna, pode ser visualizado em sua excepcionalidade como um processo complementar na formação da atleta, propiciando uma experiência peculiar de aprendizado para todos os personagens envolvidos. Ao mesmo tempo, possibilita o exercício de compreensão da “doma” como um processo de aproximação de linguagens e convivência pacífica entre duas zonas ontologicamente distintas: a dos humanos e a dos não humanos; e corrobora a visão de Latour (1994), que observa no advento da pós-modernidade – ao invés da clássica dicotomia natureza/cultura, a necessidade de convivermos com formas híbridas de natureza e cultura; compreendendo-se a construção de uma “linguagem interface” entre o homem e o cavalo como uma manifestação dessa forma híbrida.

A Escola de Equitação Cristal localiza-se na cidade de Porto Alegre, no bairro Belém Velho, zona de transição remanescente entre o espaço urbano e o espaço rural dentro dos limites da cidade já com feições de metrópole. Nesse espaço de

convívio social mediado pelo esporte equestre, a presença do cavalo domesticado, treinado e selecionado para prática esportiva movimentava as relações humanas e influenciava profundamente no linguajar, na indumentária e no próprio *ethos* dos frequentadores compondo “relações de afinidade entre o comportamento dos agentes, as estruturas e condicionamentos sociais” (SETTON, 2002, p.62) aproximando-se do conceito de *habitus* de Bordieu compreendido como:

[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações [...] (BOURDIEU, 1983, p. 65).

Nesse espaço, a aluna e proprietária de cavalos Suzana Schuch Santos, ex-atleta do Voleibol e profissional de Educação Física apaixonada por cavalos, insistiu com o proprietário da EEC para que o mesmo promovesse a doma e iniciação de sua potra batizada curiosamente de *Natureza*. Inicialmente relutante Silvio Quadros - há quarenta anos envolvido cotidianamente com a vida equestre - dividido entre a escola de equitação e administração do haras onde cria cavalos para hipismo, aceitou a tarefa meio a contra gosto, atendendo a persistência da aluna e em função de haver disponibilidade de baias para alojar a égua, devido à diminuição da demanda no início do ano, ou seja, o fator econômico também pesou na decisão.

O animal em questão trata-se de uma égua nova da raça manga larga, na ocasião da doma com cerca de três anos e meio, nascida no haras da proprietária Suzana. Compreende-se a relutância do treinador em realizar a doma também pelo fato da raça do animal ser mais vocacionada para trabalho no campo do que para prática de esporte equestre. Na visão do experiente profissional seria desperdiçar tempo com um animal inapropriado para o hipismo – fato que posteriormente ficou confirmado.

Acompanhei a decisão de levar *Natureza* para doma na EEC e tomo esse momento como inicial na inserção em campo originária desta etnografia. Antes de chegar à EEC, no dia 7 de janeiro de 2015, a égua tinha sido “amansada de chão”, ou seja, já aceitava cabresto, escovação, carinhos em geral, no entanto nunca havia sido montada. Era mansa e tranquila, permitia ser casqueada (ter os cascos aparados e lixados) com tranquilidade. Dormia em cocheira e passava o dia solta no campo. Ao longo do dia, sempre recebia alimentação especial e cuidados na

cocheira. Algumas vezes depois de alimentada não queria sair da baia, fato incomum em equinos – e que, para um animal claustrofóbico, com aguçado instinto de sobrevivência já demonstra forte adaptação ao cativeiro (NOTTINGHAM, 2014). Quando solta, disputava liderança com éguas mais velhas e brigava frequentemente com um macho castrado. *Natureza* no campo convivia com aproximadamente 20 cavalos e na relação com humanos fora da cocheira buscava impor-se corporalmente adentrando o espaço da pessoa. No entanto, entrou muito bem no caminhão do transporte e foi conduzida tranquilamente ao novo lar temporário. A proprietária orgulha-se do trato e manejo humanitário que pratica com seus animais e atribui a esse fato a docilidade e afetividade claramente perceptível na potra *Natureza*.

Já no dia seguinte às 8 horas da manhã, *Natureza* teve seu primeiro contato com Silvio Quadros, que de experiente instrutor de cavaleiros e amazonas passaria a ser por um período o iniciador da égua *Natureza* no aprendizado da nova “linguagem interface” com o ser humano. O processo iniciou no redondel da escola (recinto cercado em formato circular onde o cavalo fica limitado a andar em círculos) com leve pressão<sup>4</sup> auxiliada pelo uso do chicote no chão e por vezes na égua que agia sem muito estresse. Seu comportamento revelava dispersão e muita curiosidade pelo entorno. Aos poucos foi reagindo aos estímulos do chicote e tentando fugir da pressão sendo que o trabalho realizado resumiu-se no deslocamento em velocidade para ambos os lados. Quando o Silvio ficava disponível para o contato, a potra dispersava olhando para fora do redondel; comentário do domador: “Ela ainda não está disponível para a conjunção<sup>5</sup>”. Após o trabalho, recebeu banho, ficou passeando no cabresto com a proprietária por mais uns 30 minutos e depois foi levada novamente para a cocheira onde pareceu relaxar e estar mais a vontade.

---

<sup>4</sup>“botar pressão” no linguajar hípico significa acelerar, solicitar mais atitude do cavalo. Na doma caracteriza certo confronto com o cavalo que será percebido por ele como hostilidade.

<sup>5</sup> Conjunção – em inglês, join-up, é um processo de aproximação do homem com o cavalo, muito bem descrito por Monty Roberts no livro O HOMEM QUE OUVIU CAVALOS. Baseia-se na ideia que os cavalos dispõem de uma linguagem reconhecível, previsível e efetiva que possibilita a interação entre a espécie e que, se compreendida pelo ser humano, pode proporcionar a comunicação homem-cavalo.

Da Matta (1978) alerta para o fato de que as transformações tanto do exótico em familiar, quanto do familiar em exótico não são plenas. Persiste a presença de "resíduos" entre um e o outro e, neste caso, embora constantemente exercitando certo estranhamento como ponto de partida, valendo-me das anotações no diário de campo, ainda assim se faz necessário refletir sobre a imparcialidade das opiniões sobre as informações coletadas. O autor lembra que "é necessário um desligamento emocional" (DA MATTA, 1978, p.6) para que se cumpra a segunda etapa da tarefa do etnólogo: estranhar o familiar. No entanto, ao invés de lutar constantemente contra o que considerei um "obstáculo epistemológico" percebi que a utilização do referencial teórico oferecido pela Antropologia e Sociologia, aliado a constante "vigilância epistemológica" seria razoavelmente libertadora da proximidade com o objeto, permitindo a observação com o adequado distanciamento crítico. A convivência íntima com os praticantes do hipismo (nativos) passou a ser considerada então como o melhor instrumento para compreender internamente os significados particulares das lógicas características da prática esportiva equestre, através da etnografia da doma.

O segundo dia do processo de doma iniciou novamente com a pressão no redondel em alternância de lados e uma visível evolução em relação ao dia anterior no trabalho de deslocamento. A potra ainda reagia dispersivamente no momento da conjunção, mas já manifestava interesse pelo contato. Percebi que Silvio não alimentava grande perspectiva de resultados para o dia. Havia percebido as limitações e a tendência dispersiva do animal e limitou-se a produzir inquietação para que a mesma não parasse no meio do caminho. Pedi um comentário sobre o temperamento de Natureza e o treinador admitiu:

*"a potra é desatenta... está tão acostumada ao conforto e não ser importunada que não se fixa no trabalho. Ainda não "entendeu" por que estou "pedindo" que ela se mova. Minha alternativa é provocar desconforto para ela reagir e com paciência aguardar o momento que ela queira 'conversar' comigo. Mas acho que ainda não vai ser hoje".*

A atribuição de características humanas a seres ou criaturas não humanas, claramente visível na fala do domador, é conhecida como *antropomorfismo* e essa tendência foi detectada com relativa frequência ao longo da vivência em campo; todos costumam referir-se aos equinos como traduzindo ou simbolizando

comportamentos humanos, provavelmente por que “antropomorfizar agentes não humanos possibilita que seja feito um tipo de conexão social” (EPLEY et al, 2007, p.876). Mattos (2013) contesta afirmando que muitos cientistas rechaçam como inadmissível qualquer associação linguística entre o homem e animais, argumentando que animais agem apenas por instinto e hábito enquanto humanos possuem racionalidade e linguagem.

Segundo Castilho (2014), Charles Darwin em 1872 no livro *A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais*, exemplificou a expressão de emoções perceptíveis tanto nos animais quanto no homem: mau-humor e a boa disposição de cães e cavalos; o amor e o carinho de um cão com o seu dono; a afeição materna das fêmeas de todas as espécies; a dor intensa das macacas pela perda dos filhotes; e argumentou a partir desses exemplos, que o princípio dessas emoções seria o mesmo no homem e nos animais.

Faraco e Seminotti (2004) refere-se à expressão Antropomorfização do Animal de Estimação (AAE) como sendo processos de humanização do animal no qual se compreende o ser não humano através de atributos humanos e os mesmos são tratados como se de fato humanos fossem, desconsiderando-se suas particularidades biológicas e genéticas. A partir dessa premissa, Costa (2006) referindo-se aos cães, concebe a ideia de animais de estimação como seres que falam, pensam e demonstram comportamentos e sentimentos de forma semelhante ao homem, assumindo papéis humanos. Compartilhando o entendimento dos autores estendo esta compreensão aos cavalos de equitação e associa essa antropomorfização às questões relativas à afetividade do ser humano em relação ao cavalo e à “manifestação afetiva” do animal em direção ao humano que cuida dele.

Os dias seguintes da aproximação da potra *Natureza* da cultura humana sob a forma de doma, que prefiro definir como aprendizado de uma “linguagem interface” entre homem e cavalo ocorreram todos muito parecidos. Através de comandos verbais no redondel (trote, galope, alto, vira) o domador percebe que a égua ainda resiste à conjugação embora faça o trabalho determinado. Trabalha-se na doma diariamente cerca de uma hora, segue um banho e passeio puxado no cabresto e a proprietária já não acompanha todas as sessões. Em algumas ocasiões Suzana inicia o trabalho na guia e mantém por cerca de 30 minutos sob a supervisão de



Silvio que se aproxima ao final e propõe um “diálogo” que claramente vai sendo compreendido pelo animal.

Essa rotina se manteve constante por cerca de quinze dias e então Silvio colocou bridão; uma espécie de freio leve, um bocal de metal que mais tarde servirá para o manejo com as rédeas. *Natureza* aceitou tranquilamente e trabalhou o restante do tempo na guia com bridão na pista pequena descoberta. Imediatamente no dia seguinte, o domador já iniciou o trabalho com bridão e guia na pista pequena. *Natureza* intercalava momentos de atenção concentrada com desatenção e dispersão, olhando para os lados e buscando fugir da pressão. Passados cinco dias, *Natureza* voltou para a pista aberta pequena, onde realizou todo o trabalho de guia com bridão em meio a uma aula, com mais cinco conjuntos de cavalos e alunos. Manteve-se totalmente concentrada no trabalho embora rodeada de estímulos externos. Quando Silvio parava e propunha conjunção à égua, ela ainda dispersava.

Cabe neste momento uma explicação mais detalhada sobre a tal *conjunção*. Vários dicionários definem: ato ou efeito de conjungir, de ligar ou associar uma coisa ou pessoa a outra(s), união; ajuntamento. No processo da doma dita racional é um pouco mais do que isso. O cavalo é um animal de fuga, ou seja, ao sentir-se ameaçado esboça uma única reação; fugir (estranho é perceber que um animal com essa característica seja também dócil e submisso a ponto de ter participado tão profundamente da história da humanidade). Monty Roberts (2009) mostra em seu livro, *O Homem que Ouve Cavalos*, quão profunda pode ser a comunicação entre os homens e os animais. Baseia seu método, que chama *join-up*, em sinais corporais que o cavalo emite quando deseja se comunicar. Roberts descreve o processo da conjunção: afirma que ao colocar pressão para o cavalo correr em círculos no redondel, depois de algum tempo ele estará se lambendo, mastigando e começando a diminuir o círculo. Após tanto correr, e perceber que não foi atacado, vê que a presença humana pode não representar perigo. Logo abaixará a cabeça. Esse é um dos sinais mais importantes: significa que está querendo se comunicar (ROBERTS, 2009). O autor garante ser possível executar a conjunção em pouco mais de trinta minutos. Silvio Quadros, do alto de seus 40 anos de experiência, garante que nunca leu Monty Roberts, mas certamente conhece e utiliza os mesmos conhecimentos, no entanto afirma que “é necessário respeitar o tempo do cavalo”. Segundo ele, a

conjunção pode ocorrer em minutos ou levar alguns dias dependendo basicamente da capacidade de interagir do cavalo e, em geral, varia conforme o animal.

E, de fato após cerca de vinte dias, quando teve pela primeira vez contato com a sela, a potra mostrou-se curiosa, cheirou e brincou com a manta enquanto Silvio colocava o equipamento, trabalhou no trote em círculo na pista coberta aprendendo a cruzar uma perna sobre as outras três pareceu estar pronta para interagir completamente. Quando o domador parou a pressão, a égua aproximou-se espontaneamente, cheirou as costas de Silvio e passou a segui-lo pelo picadeiro afora como se fosse um cachorrinho atrás do dono. Estava completada a conjugção.

No dia 29 de janeiro bem cedo na pista coberta sem a presença de outros cavalos e seguindo o trabalho com guia e sela, o domador achou que a égua estava pronta para iniciar o procedimento de ser montada. Convocou a aluna Maria Eduarda para iniciar a manobra de subir e descer no estribo, ainda sem concluir o processo. Distribuindo o peso do corpo da amazona sobre os estribos ao lado do cavalo observou-se que a potra já estava aceitando plenamente a possibilidade de ser montada (figuras 2 e 3). A monta ocorreu efetivamente no dia seguinte e constituiu-se de um exercício de deslocamento ao passo com a aluna montada e o instrutor conduzindo a égua na guia. A partir desse momento, o processo precisou avançar um pouco mais rápido para que não se perdesse a oportunidade. Instruída por Silvio Quadros e montada, a aluna Maria Eduarda, exercitou os primeiros comandos de perna e rédea, com a égua ainda conduzida na guia pelo instrutor (figura 4).



Figura 2- Exercícios antes de montar para testar aceitação do peso pela égua Natureza. Fonte: arquivo pessoal



Figura 3-Maria Eduarda sendo instruída por Silvio Quadros. Note-se que a potra está encilhada e com bridão. Fonte: arquivo pessoal



Figura 4 - Maria Eduarda montando Natureza conduzida em círculos na guia.  
Fonte: arquivo pessoal

Até esse momento, todo trabalho executado em solo - “doma de baixo” - no jargão equestre passa a ser testado através das respostas da potra. No dia quatro de fevereiro, Maria Eduarda, depois de reproduzir em solo todo o processo de aproximação e conjunção com a égua, monta e anda ao passo por toda pista sem guia e sem a presença de outros cavalos. A aluna exercita comandos de flexão de cabeça da égua com finalidade de testar as respostas do animal e solicita com a perna a transição para o trote.

O cavalo apresenta naturalmente três tipos de andadura: passo, trote e galope. O *passo* é considerado a primeira andadura natural do cavalo, cavalos em estado selvagem andam ao passo. No passo, o cavalo movimentava um membro de cada vez provocando quatro batidas no chão, proporcionando uma andadura com quatro tempos distintos. Não existe tempo de suspensão, ou seja, sempre existirá um membro em apoio no solo, e em conjunto com o movimento de pescoço resulta em uma andadura basculada, com os movimentos da coluna vertebral simétricos ao eixo longitudinal do cavalo. Ao *trote*, o cavalo movimentava duas pernas de cada vez

em diagonal, realizando o deslocamento em dois tempos, com simetria de movimentos da coluna vertebral e o eixo longitudinal; desta forma os movimentos de pescoço são quase imperceptíveis. O *galope* é uma andadura de três tempos; enquanto dois membros se movimentam juntos, outros dois movem-se separadamente com intensa movimentação do pescoço que gera uma grande basculação, ocasionando um salto e um tempo de completa suspensão. É um movimento assimétrico, onde a coluna vertebral não está em simetria com o eixo longitudinal do cavalo. (QUEIROZ, 2014; FERREIRA, 2008).

É necessário que se compreenda que a doma trata-se de um processo continuado, passo a passo, onde dia após dia é retomado do ponto anterior e reavaliando-se o nível de reprodução dos ensinamentos propõem-se ao animal novos desafios. Segue determinada rotina que varia de quarenta minutos a cerca uma hora diariamente, com a subsequente higienização do animal, banho e escovação algum período de aproximação e brincadeiras com recompensas (em geral cenouras, que qualquer cavalo adora comer).

A partir do momento que *Natureza* permitiu a montaria, os exercícios passaram a se repetir todos os dias conforme a disponibilidade dos envolvidos - o fato do processo ocorrer em férias escolares facilitou bastante à presença diária da aluna; na eventualidade da ausência da amazona a potra foi trabalhada apenas na guia pela proprietária ou pelo domador. Passados alguns dias o trabalho montado ocorre tranquilamente na pista coberta compartilhando o espaço com outros cavalos e avançando no grau de dificuldade dos exercícios. Exercita-se a égua em comandos de rédea e perna, alternando trote, passo, galope e parada (alto). Eventualmente o local de trabalho muda para as pistas abertas para acostumar a égua aos outros ambientes da escola. Nessas ocasiões exploram-se os andamentos anteriormente executados na pista coberta com muito trote para produzir musculação no animal. O cavalo de hipismo acima de tudo é um atleta, portanto precisa ser forte e musculado já que está constantemente presente a possibilidade de lesão muscular em qualquer momento de suas carreiras (SALIM, 2012).

Em meados do mês de fevereiro foram colocadas, pela primeira vez, ferraduras na égua que aparentava sentir dor e foi diagnosticada com desnível nas patas de trás. *Natureza* aceitou muito tranquilamente o procedimento. Foi medicada

com *Equipalazone* (um medicamento anti-inflamatório comumente receitado pelo médico veterinário). Pela segunda vez desde que iniciou a doma *Natureza* demonstrou sentir dor, certamente decorrente do trabalho, e recebeu medicação.

Nesse passo seguiu a vida de *Natureza* até o início do mês de março quando reiniciou o ano letivo da aluna Maria Eduarda e o trabalho de chão foi assumido pelo treinador e/ou pela proprietária alternadamente. *Natureza* passou a ser montada apenas duas ou três vezes por semana já que somente a aluna montava a égua até então. Houve um período no qual a égua passou a ser colocada no “coliseu” (redondel em formato elíptico) para se movimentar sozinha, fato que pareceu gostar e aproveitar o período para correr como se estivesse brincando. Interessante constatar que a potra *Natureza* anteriormente vivia solta no campo a maior parte do tempo e ao ingressar na doma passou a viver confinada numa baía pequena (menos de 10 metros quadrados, três X três metros) – espaço restrito para um animal de grande porte, com características de fuga e acostumado à liberdade do campo. Ainda assim demonstrou plena adaptação a nova vida conquistando a admiração dos tratadores por sua tranquilidade no manejo.

Nos primeiros dias de maio, a proprietária Suzana montou pela primeira vez sua égua dando por finalizado o processo da doma. Por precaução intercalava o trabalho com Maria Eduarda, mas era visível que a potra havia aprendido os comandos e as reações humanas e comportava-se como um animal plenamente adaptado a rotina hípica. Por tratar-se de um espaço de instrução de cavaleiros e amazonas para prática de equitação esportiva, obviamente *Natureza* foi “convidada” a treinar alguns saltos em baixa altura, o que comprovou de forma clara não ser essa sua vocação. Saltar é uma atitude natural no cavalo e todo equídeo tem essa capacidade. No entanto, o hipismo se constituiu como esporte através da compreensão pelos humanos das habilidades naturais do animal e também pelo processo de esportivização transformando o cavalo numa espécie de “equipamento” que deve estar otimizado para o esporte proposto. Sob esse ponto de vista, *Natureza* pertence a uma das raças indicadas para trabalhar no campo e não para práticas equestres esportivas. Em Junho, *Natureza* retornou para o haras de Suzana Schuch e passou a ser utilizada para passeio pelo campo.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história do cavalo escreve-se paralelamente a história da humanidade. Desde a Antiguidade o cavalo faz parte da cultura, da economia e do lazer do homem, e a participação do cavalo domesticado é incontestável nos processos de desenvolvimento econômico, social e político da humanidade. Neste trabalho, além de breves referências a trajetória histórica comum entre o ser humano e os cavalos, buscou-se apresentar e discutir algumas formas de sociabilidade mediadas pela presença do cavalo na sociedade humana, com forte integração entre homem e animal mais especificamente na prática da equitação. Esta integração permitiu observar momentos de afetividade recíproca entre homem e animal, bem como características de distinção social entre os grupos humanos envolvidos que procurei tratar como categorias de pensamento.

Aparentemente o ser humano obtêm maiores vantagens na relação e pode ser sugerida a ideia de servidão e/ou escravização do animal pelo homem. Acredito, no entanto que essa relação possa também ser compreendida como parceria simbiótica, tanto biológica quanto social, entre os seres humanos e não humanos com ganhos recíprocos para ambos. O processo de domesticação de animais e plantas vem sendo utilizado desde sempre pelo ser humano; acompanha a história da humanidade e tem sido benéfica e eficiente para o sucesso do desenvolvimento da civilização como a conhecemos em nossos dias. Poder-se-ia argumentar contra, lembrando que o ser humano interferiu, através da domesticação, na seleção natural e provoca a mutação artificial de alguns seres vivos em detrimento de outros conforme os considere mais úteis ou hostis ao seu bem estar. Certamente a domesticação gerou cavalos adaptados ao uso humano tanto no trabalho quanto no esporte, mas paralelamente propiciou a sobrevivência da espécie em condições mais favoráveis do que a busca incessante de alimentação pelos campos sujeitos a predadores. “O cavalo serve ao homem, mas o homem também serve ao cavalo” é uma frase bastante escutada no meio equestre sem que tenha sido possível localizar a exata autoria. A adaptação do cavalo ao cativeiro também criou inúmeras

profissões ligadas ao manejo do animal no decorrer dos tempos como resposta às demandas de trato e cuidados com os cavalos criados confinados.

As relações sociais aparentes dentro do universo da equitação e do hipismo reproduzem, e este é de fato o foco deste trabalho, as relações no contexto geral da sociedade. Prefiro separar conceitualmente as práticas equestres descritas nesta monografia - equitação e o hipismo - porque, do ponto de vista sócio antropológico percebe-se diferenças fundamentais nos comportamentos individuais e em sociedade das pessoas envolvidas. Ao mesmo tempo examinando as categorias afetividade e distinção tornou-se possível traçar um paralelo entre as práticas equestres e as ciências sociais.

O hipismo, senso comum, é visto como um esporte elitista praticado pelas classes sociais economicamente mais abastadas e fator de distinção da própria classe (BOURDIEU, 2007). De fato, compreendo que seja, antes, elitizado pelos próprios praticantes como uma forma da classe buscar se diferenciar em relação às outras. O hipismo surgiu dentro da sociedade de classes e emergiu na origem histórica como atividade típica da nobreza inglesa, ou seja, esporte de elite praticado por quem não precisava trabalhar ou auferia enormes rendimentos em pouco tempo de trabalho. Embora, atualmente talvez mais permeável às outras classes sociais, certamente, é ainda inacessível aos mais pobres sem o advento do patrocínio, o que é raro no esporte. Os meandros do hipismo, para um praticante periférico (como me considero), apresentaram-se inacessível ao autor deste trabalho, pois “a alta burguesia aprecia a discricção” (PINÇON e PINÇON-CHARLOT, 2007 p.23). É possível a qualquer mortal participar dos eventos hípicas na condição de espectador, já que a frequência nos eventos é gratuita, mas torna-se financeiramente impossível participar de provas de salto acima de um metro se o praticante não tiver condições de manter pelo menos um cavalo próprio. Paralelamente o acesso às confraternizações e convivência nesta classe social tornam-se mais difíceis mesmo para questões de estudo.

A equitação desportiva, a outra prática equestre estudada, permite uma leitura menos elitista, embora, reconhecidamente não seja acessível a todos. A equitação “arte de montar” antecede o hipismo; é o aprendizado de estar em cima do cavalo, andar a cavalo com técnica e conhecimento da linguagem não verbal compartilhada



entre cavaleiro/amazona e cavalo. Naturalmente, as práticas equestres da atualidade permitem certa confusão entre os termos e expressões “andar a cavalo” e “montar a cavalo”. Na prática cotidiana existem diferenças significantes; andar a cavalo define a atividade lúdica e descomplicada do passeio a cavalo, possível a qualquer pessoa que se disponha a subir no animal e deixar-se conduzir. Montar a cavalo é uma expressão corriqueiramente utilizada na prática da equitação e busca manifestar o significado do emprego de técnica, conhecimento e respeito às regras do esporte.

Para efeito de estudo antropológico, a equitação mostra-se um campo permeável, de fácil acesso, através das escolas e entidades equestres, e de intenso convívio social entre praticantes e familiares. Esse convívio permite reproduzir no meio equestre as relações conhecidas na sociedade em geral. Vivenciam-se conflitos entre os participantes; o meio é repleto de individualismos, conchavos, trapaças, mentiras, exploração de oportunidades e de pessoas, ou seja, percebe-se um mal disfarçado “celeiro de vaidades” amalgamado com o comportamento solidário, sincero e receptivo das pessoas. Apenas para exemplificar: a morte de um cavalo costuma comover mais as pessoas no âmbito da equitação do que no meio hípico, onde é comum certa naturalização e banalização da morte do animal, talvez consequência da relativa facilidade em obter reposição, numa perspectiva mais monetarista da relação com o equino.

Observando-se a vida hípica pelo enfoque das relações de trabalho, mesmo ao leigo, ficam claramente perceptíveis o convívio e a interação entre inúmeras profissões. A convivência cotidiana com o cavalo torna imperativa a presença de veterinários, tratadores e treinadores, além de uma mobilização laboral paralela envolvida com transporte e estabulagem; alojamento e alimentação dos cavalos e das pessoas. Embora, muitas vezes as entidades mais conhecidas obriguem-se a manter um quadro regular de funcionários legalmente registrados, é perceptível certa informalidade nas relações de trabalho. Tal fato transparece desde o veterinário que não registra a consulta que cobra, até pequenos serviços executados pontualmente em casos específicos pelos peões (exemplo: tosar o animal antes da competição). Independente de registros e formalidades foi possível observar em campo que, dentro do universo do cavalo – e aqui podemos expandir para outras práticas

equestres, circula muito dinheiro, tanto de forma legítima (remuneração de serviços, compra e venda de animais, material, medicamentos, etc.), quanto “por baixo dos panos”, onde, comenta-se anonimamente, ocorre lavagem de dinheiro; certamente, neste último caso, acobertados pelos altos valores atribuídos aos animais.

Ao finalizar este estudo, embora me socorrendo dos conceitos e revisitando literatura da sociologia, busco reafirmar as pretensões de conhecimento de cunho antropológico, atento a recomendação de que:

O método etnográfico encontra sua especificidade... no âmbito da disciplina antropológica, composto de técnicas e procedimentos de coletas de dados associados a uma prática do trabalho de campo a partir de uma convivência mais ou menos prolongada do (a) pesquisador (a) junto ao grupo social a ser estudado (ROCHA e ECKERT, 2008, p.1).

Aliando desta forma a vivência pessoal às técnicas de pesquisa; a observação direta, diário de campo, conversas informais, entrevistas não diretivas, atrevo-me a propor, antes de qualquer coisa, a compressão das práticas equestres como relevante objeto de estudo das ciências sociais.

Ainda antes de concluir, gostaria de citar uma frase da experiente veterinária Claudia Leschonski, e certamente um bom exemplo de “gente que ama cavalos”, com quem me correspondi durante a inserção no campo que deu origem a esta pesquisa; como tom de fechamento da etnografia: *“O amor de uma pessoa pelos cavalos nasce com ela; o amor do cavalo pelas pessoas tem que ser conquistado”*.

## REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. Fronteiras de mudança: lazer, esporte e práticas femininas no mundo equestre. GT 20. Metamorfoses do rural contemporâneo. 36º Encontro Anual da Anpocs. Outubro, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EQUOTERAPIA [homepage na Internet]. Brasília: ANDE-Brasil. Disponível em: < <http://www.equoterapia.org.br>>. Acesso em: 25 setembro 2015.

BOURDIEU, P. Sociologia. (organizado por Renato Ortiz). São Paulo: Ática. 1983.

BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: Coisas ditas. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 207-220.

BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

CARTELLE, Cástor. A Evolução do Cavalo na História. Museu de Ciências Naturais, Pontifícia Universidade Católica, Minas Gerais. Publicado na Revista 'Mangalarga Marchador' - No. 13 – 1991

CASTILHO, Fernando M. Darwin e a herança de caracteres adquiridos pelo uso e desuso como mecanismo evolutivo na Expressão. Filosofia e História da Biologia, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 161-183, 2014.

COSTA, Edmara Chaves. Animais de estimação: uma abordagem psico-sociológica da concepção dos idosos. Dissertação Mestrado. Orientadora: Maria Irismar de Almeida. Fortaleza, 2006.

DA MATTA, Roberto. "O ofício do etnólogo, ou como ter *Anthropological Blues*". In Boletim do Museu Nacional. Antropologia n.27 Nova Serie. Rio de Janeiro, RJ-Brasil. Maio de 1978. P.1-12.

DAMO, Arlei S. Senso de jogo. Esporte e Sociedade, número 1, Nov2005/Fev2006 disponível <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/pdf/es103.pdf>. Acesso 23-10-2014.

DURKHEIM, Emile. Da Divisão do Trabalho Social. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ESCOLA DE EQUITAÇÃO DO CRISTAL. Site Oficial. Disponível em <http://www.escoladeequitacaocrystal.com/#!/sobre-nos/c12dk>. Consultado em 23.10.2015.

EPLEY, Nicholas, et al. "On Seeing Human: A Three-Factor Theory of Anthropomorphism". *Psychological Review*, vol.114, no.4, 2007, pp.864-886.

EVANS-PRITCHARD, Edward. E, Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. São Paulo. Editora Perspectiva. 2005

FARACO, Ceres. B.; SEMINOTTI, Nedio. A relação homem-animal e a prática veterinária. *Revista CFMV*. Brasília, Ano X, n.32, p. 57-62, mai-ago, 2004 .

FERREIRA, Julia B. Os Benefícios da Equoterapia no Tratamento de Portadores da Síndrome deDown. Monografia de Conclusão de Curso Fisioterapia da Universidade Veiga de Almeida, Orientador: Prof. Alexandre José Lopes do Nascimento. Rio de Janeiro. 2008.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa. Por uma teoria interpretativa da cultura. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC. 1989, p. 13-41.

GRATIOT-ALFANDÉRY, Hélène. Henri Wallon / Hélène Gratiot-Alfandéry; tradução e organização: Patrícia Junqueira. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

LATOUR, Bruno. Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica. São Paulo: Editora 34,1994.

LUTTIG, André. No Tropel do Criolo: As Motivações e o Universo Social dos Criadores de Cavalos Criolos do Rio Grande do Sul. Orientador: Prof.a Dr.a Maria Eunice Maciel . Porto Alegre. 2009.

MALINOWSKI, Bronislaw. Os Argonautas do Pacífico Ocidental (Argonauts of the Western Pacific, 1922). Coleção Os Pensadores, Abril Cultural, 1976.

MATTOS, Alexandre A J. Antropomorfismo na Cultura da Animação. Dissertação de mestrado Universidade Federal Fluminense, Estudos Contemporâneos da Arte. Orientadora: Prof. Dr. Rosana Costa Ramalho de Castro. Niterói – RJ. 2013.

NOTTINGHAM, J. Comportamento Equino e Relacionamento com o Ser Humano. Disponível em <http://esportes.abccmm.org.br/?router=artigos/ler/index/56/>. Consultado em 11.09.2014.

OLIVEIRA, Samantha Brasil Calmon de. Sobre Homens e Cães: Um Estudo antropológico sobre afetividade, consumo e distinção. Rio de Janeiro, 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). IFCS/ PPGSA, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

PINÇON, Michel e PINÇON-CHARLOT, Monique. Sociologia da Alta Burguesia. In: Sociologias/UFRGS Riqueza e Desigualdades – Vol.1 n.1 (jan/jun 1999). Porto Alegre: UFRGS. IFCH,2006.

QUEIROZ, Carlos O V. Visualização da semelhança entre os movimentos tridimensionais do andar do cavalo com o andar humano. Associação Nacional de Equoterapia. Disponível em [equoterapia.org.br/site/files/trabalhos/20082221.pdf](http://equoterapia.org.br/site/files/trabalhos/20082221.pdf) acesso 23-10-2014

RINK, Bjarke. Desvendando o enigma do centauro: como a união homem- cavalo acelerou a história e transformou o mundo. – São Paulo: Equus Brasil, 2008.

ROBERTS, Monty. O homem que ouve cavalos. Tradução de Fausto Wolff; revisão técnica, Laura Rossetti Barretto Ribeiro. – 13a ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2009.

ROCHA, Ana L C e ECKERT, Cornelia. Etnografia: Saberes e Práticas. In; Ciências Humanas: pesquisa e método. Organizado por Céli Regina Jardim Pinto e César Augusto Barcellos Guazzelli. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

SALIM, Daniela P V. Plasma Rico em Plaquetas: Uso em Lesões Tendíneas em Equinos. Monografia. Orientadora: Petra Garbade. Porto Alegre, 2012.

SETTON, Maria G J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. Revista Brasileira de Educação. Nº 20 Maio/Jun/Jul/Ago 2002.

SILVA, Ana M; DAMIANI, Iara R. Práticas corporais – Florianópolis: Nauemblu Ciência & Arte, 2005.

WALLON, H. Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada. Petrópolis: Vozes, 2008.

